

Edição 25

CIBER  **TEOLOGIA**

Revista de Teologia & Cultura

# Interpretação pastoral-teológica

**Artigo**

Cristianismo del pueblo  
y su Misión

**Artigo**

Novos caminhos  
da iniciação cristã

**Notas**

Cristianismo e direito

## Interpretação pastoral-teológica

Esta é a 25ª edição de *Ciberteologia*. De novo visual, mas mantendo seus propósitos iniciais, continuamos oferecendo a nossos ciberleitores uma combinação bem dosada de textos inéditos de teologia, filosofia e ciência da religião com trabalhos significativos da área que, embora já publicados anteriormente no formato livro, merecem ser colocados ao alcance de estudantes e pesquisadores interessados nos estudos de religião.

Neste número, contamos com os seguintes trabalhos, disponíveis em português e inglês. Na seção de Artigos, três textos inéditos. O primeiro, de Diego Irazaval, *Cristianismo del pueblo y su Misión*, examina criticamente a interpretação pastoral-teológica e fenomenológica da “piedade popular” (no Documento de Aparecida) e o paradigma de Missão impulsionado hoje pelos bispos católicos do continente.

*Novos caminhos da iniciação cristã* é o trabalho de Antonio Francisco Lelo, que, à luz do Documento de Aparecida, visa a possível reestruturação da iniciação cristã, centrando sua atenção sobre a concepção unitária dos sacramentos; a recuperação do papel do adulto como protagonista e o estilo catecumenal.

Jose María Mardones assina em *O imaginário simbólico e a construção da transcendência* uma reflexão que parte de um trabalho mais amplo, em que o autor se dedica a desvendar a vida que palpita no símbolo, investigando as ações simbólicas, o imaginário simbólico e a construção da transcendência, e o imaginário da esperança.

Na seção Comunicação, duas contribuições originais. O teólogo belga José Comblin ensaia algumas aproximações entre *Cristianismo e Direito*. O texto é uma previa da nova coleção a ser lançada pela Editora Paulinas, que irá propor um diálogo entre a Teologia e as várias áreas de saber da Universidade. A segunda nota vem de Luiz João Firmo, *Movimentos religiosos e ideológicos: alienação e consciência humana*. O autor enfoca a manipulação das denominações religiosas, com a presença das igrejas eletrônicas, vindas do exterior e financiadas principalmente pelos Estados Unidos da América do Norte.

A coluna comunicação brinda-nos com o texto *Da utopia à topia: dialogar para ‘fazer’ chão neste mundo!* Nela Antonio Carlos Ribeiro oferece um comentário ao recente livro *Diálogos noturnos em Jerusalém*, fruto da entrevista concedida pelo Cardeal Carlo Maria Martini ao Pe. Georg Sporschill. Conforme Ribeiro, esse jesuíta se mostra um homem sereno, um pastor responsável e um teólogo honesto, virtudes que desenvolveu no exercício do poder teológico-pastoral e conseguiu manter mesmo depois de emérito.

Além desses destaques, não deixe de acompanhar os textos que, ao longo do bimestre, alimentarão as seções Resenhas.

Agora cabe a você dedicar-se à leitura e aos estudos.

Afonso Maria Ligório Soares

## **Cristianismo e direito**

Cristianismo e direito situam-se em dois níveis diferentes. Não têm o mesmo objeto. O Cristianismo é um messianismo: é um projeto que é, ao mesmo tempo, uma promessa, o anúncio do Reino de Deus. O Reino de Deus é um mundo transformado, porque este mundo não é de Deus: não é o mundo que Deus tinha criado. O messianismo é o anúncio de uma humanidade renovada, em que reine a justiça e a paz, em que todos se tratem como irmãos. Para muitos é uma ilusão, um sonho, uma coisa irrealizável nesta terra dada a humanidade que existe e que nunca se prestará a isso. Jesus anunciou esse Reino, mas não definiu datas, não definiu as etapas, não definiu a estratégia. No entanto, desde há dois mil anos milhões de discípulos acreditaram e viveram para que esse anúncio se tornasse realidade. Não completaram a sua tarefa, mas não viveram em vão, porque houve algumas transformações, alguns setores da humanidade melhoraram e se aproximaram mais das promessas feitas a Abraão. Jesus não prometeu que esse Reino de Deus chegaria à sua plenitude nesta terra, mas quis que os seus discípulos trabalhassem nesse sentido.

O direito trata da humanidade tal como é agora. Procura organizar a vida social da melhor maneira possível, procurando salvar a vida das pessoas e da sociedade na medida do possível. Organiza a vida de indivíduos dotados de virtudes, mas também afetados por muitos vícios. O seu problema é: como organizar a paz num mundo de pecadores? O direito varia de uma civilização para outra, varia com as épocas históricas, com as relações de força dentro da humanidade. Os impérios sempre tiveram o sonho de impor o mesmo direito a todos os seus povos. O império ocidental que começa no século XVI teve esse sonho. Identificou os seus códigos com a verdade universal. Mas os impérios não são eternos. Os nossos descendentes poderão ver o direito imperial chinês substituir no Brasil o direito imperial ocidental. Por enquanto vamos examinar as relações entre o Cristianismo e o direito ocidental contemporâneo.

### **O Cristianismo em face do direito**

1. O Cristianismo inicia um novo modo de viver como ser humano. Doravante ser humano é viver como Jesus, imitar Jesus, seguir o caminho de Jesus. É o que se chama de revelação. Jesus não veio fundar uma nova religião nem um novo culto, uma nova moral, uma nova instituição religiosa. Isso fizeram os seus discípulos no decorrer da história, com mais ou menos fidelidade ao caminho de Jesus.

Jesus declara obsoletas todas as leis do seu povo e do império. Os seus discípulos não se interessam pelas leis, são livres de todas as leis porque a lei foi substituída pelo amor. Jesus nunca obedece a uma lei porque sempre age por amor. Assim teriam de ser os discípulos.

Paulo explicita essa radical transformação operada por Jesus: para os cristãos não existe lei, e os gálatas foram severamente repreendidos porque ainda se submetiam a leis e regras religiosas. Porém Paulo reconhece que a lei foi boa como pedagogia, como preparação das pessoas que ainda não conheciam o caminho de Jesus (Gl 3,1-29)

Aqui os juristas modernos vão se sentir aliviados: estão pensando que o tempo da pedagogia ainda não passou e que os povos no meio dos quais trabalham ainda estão na fase da pedagogia. Em parte eles têm razão. Mas não podem considerar essa concessão como uma dispensa da revelação de Jesus. Ainda que os povos estejam na fase da pedagogia, devemos nos esforçar para que tenham acesso ao conhecimento do caminho de Jesus.

*Sobre o autor*

José Comblin

É doutor em Teologia. Natural de Bruxelas, Bélgica, está no Brasil desde 1958. Depois de passar por vários institutos de Teologia, dedicase à formação de missionários leigos populares no Nordeste desde 1980.

**Resumo:** O Documento de Aparecida defronta-se com uma iniciação cristã fragmentada diante da mudança de época e dos efeitos do pluralismo religioso, daí a urgência de repensar a estrutura da iniciação diferente daquela que temos em nossas paróquias. Visando a possível reestruturação da iniciação, centramos nossa atenção sobre a concepção unitária dos sacramentos; a recuperação do papel do adulto como protagonista e o estilo catecumenal.

**Palavras chaves:** Iniciação cristã, catecumenato, adultos

A pastoral da iniciação cristã desafia nossas comunidades e está muito longe de poder responder à situação da sociedade atual e dos fiéis. É necessário reconstruir um processo unitário, articulado e coerente de Iniciação cristã. “A catequese não deve ser ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim ‘itinerário catequético permanente’. Por isto, compete a cada Igreja particular... estabelecer um processo catequético orgânico e progressivo” (DAp 298).

“Diante de um desafio de tamanha envergadura, mais do que melhorar nossas catequese pré-sacramentais, o que necessitamos é repensar todo o processo de tornar-se cristão”.<sup>2</sup> A dimensão missionária da iniciação cristã, ‘deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais da Diocese e paróquias. Requer uma real conversão pastoral que vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária’ (cf. DAp 370).

## **Duas formas de iniciação**

Ao batizar as crianças, cada vez mais os párocos têm constatado pais distantes da Igreja, sem prática comunitária de fé. Também chamam padrinhos em situação muito semelhante, e com motivos muito diferentes dos laços da fé. Tal situação nos leva ao que Caspani caracteriza como *esquizofrenia pastoral*.

O batismo de crianças é dado a todos aqueles que o pedem, sem particulares condições. Por outro lado, tende a recair sobre a confirmação todo o conjunto de valores ligados a uma escolha de fé livre e pessoal ao enfatizá-la como sacramento da maturidade do cristão adulto e da confirmação pessoal da fé.

Corre-se o risco de perder de vista o fato de que o batismo constitui o princípio da vida cristã, mas nas condições atuais como vem sendo celebrado, este sacramento não poderá se responsabilizar por tudo o que vem a seguir. É preciso afrontar de modo responsável

1 É presbítero do Exarcado Armênio Católico, licenciado em Filosofia e Pedagogia e doutor pelo Instituto Superior de Liturgia na Faculdade de Teologia da Catalunha (Espanha). É professor de liturgia e sacramentos. Dedicou-se à pesquisa e implantação da catequese com estilo catecumenal. É membro do conselho editorial e é editor-assistente na área de liturgia e catequese da Paulinas Editora.

2 León Ojeda, Felipe de Jesús. La iniciación cristiana. Publicaciones CELAM, Bogotá, p. 38, Misión Continental 2.

as questões ligadas ao batismo de crianças, na convicção de que nos encontramos sem saída se quisermos a todo custo suprir com a confirmação o que não é feito pelo batismo ou depois deste.<sup>3</sup>

Daí a necessidade de afrontar corajosamente a iniciação buscando medidas que a façam ser compreendida no seu conjunto. Visto que o batismo de crianças se adequa bem num regime de cristandade, em que se valoriza o efeito *ex opere operato* e se supõe famílias em sociedades cristãs que o complementam com a educação da fé.

Hoje, a motivação tradicional de batizar crianças não se sustenta, a fé deixa de ser doméstica. Numa crescente tendência, ela é menos transmitida pela família. Ao vivermos mergulhados no pluralismo, especialmente o religioso, enfrentamos a fragmentação do sentido da vida e atravessamos uma mudança de época (cf. DAp, n. 44), que implica o nascimento de novas estruturas de pensamento e de relacionamento humano.

A catequese deixa de se dirigir somente para crianças e envolve toda a família, questiona as atitudes e valores, escuta e discerne os novos referenciais que a atual mudança de época produz. Ficam mais do que justificados *os novos caminhos da iniciação*.<sup>4</sup>

A fenomenologia da iniciação nos ajuda a visualizar a globalidade e a unicidade do processo em suas três fases: antes, durante e depois da celebração ritual; como também assegura a meta a ser alcançada — a nova identidade, o novo lugar da pessoa na comunidade, o ser adulto.

Esta condição deve ser conquistada como um bem, um valor a ser adquirido que empenha forças e dedicação de quem quer crescer, encontrar-se com uma novidade que dê sentido integral à sua existência. Uma tal envergadura de aspiração, ultrapassa a necessidade religiosa de somente sacramentalizar as quatro estações da vida - batismo, 1ª comunhão, matrimônio na Igreja e missa de 7º dia. Requer uma consciência religiosa mais apurada e refletida.

Podemos nos questionar: *é possível repensar uma estrutura de iniciação diferente daquela que temos em nossas paróquias?* Centramos nossa atenção sobre três pontos para a reestruturação da iniciação: a concepção unitária dos sacramentos; a recuperação do papel do adulto como protagonista e o estilo catecumenal.

## Unidade sacramental

Com o passar do tempo, a unidade do processo da iniciação foi dissociada pela celebração separada de cada um dos três sacramentos e pelo costume de considerar os sacramentos como sete entidades autônomas plenamente cumpridas em si mesmas, sem conexão mútua. A ênfase recaía sobre o efeito que cada um produzia, descontextualizado da história salvífica da qual são sinais.

O caminho mais direto para caracterizar a iniciação é a Páscoa de Cristo. Todo o processo se encontra centralizado neste mistério principal que define a identidade cristã e constitui a raiz comum de todos os sacramentos. A Vigília Pascal é o ápice de tudo, desde

3 Caspani, Pierpaolo. *Rinascere dall'acqua e dallo Spirito. Battesimo e cresima sacramenti dell'iniziazione cristiana*. Bologna, EDB 2009, p. 235.

4 Não podemos deixar de contrabalançar essa análise com a tradição do batismo no Brasil resultante dos tortuosos caminhos da cristandade da primeira evangelização. Assim, vamos entender melhor por que as pessoas solicitam o Batismo para seus filhos. O Batismo tornou-se sinal de reconhecimento público na sociedade, visto que era celebrado numa sociedade uniformemente cristã, onde só era possível ser cristão. A certidão de batismo do negro e do índio tinha efeitos civis, funcionava como certificado de posse do senhor sobre o escravo. Ser batizado significava ter acesso à sociedade e ser considerado "gente", mesmo sendo desrespeitados em sua dignidade. De aí, se formou o substrato cultural que leva as pessoas a buscarem o batismo para seus filhos com uma motivação de fé bastante difusa (cf. Lelo, A. F. *A iniciação cristã no Brasil*. Revista de Catequese, ano 27, n. 107, jul./set. 2004, pp. 5-18).

a sua preparação durante a quaresma quanto depois no Tempo Pascal. Os eleitos serão configurados na Páscoa do Senhor, por meio dos sacramentos pascais.

### **Dinamismo sacramental**

Em primeira instância, não trata de se preparar para celebrar este ou aquele sacramento, mas de estabelecer um itinerário coerente com pessoas, o mais possivelmente capacitadas, no qual, os sacramentos têm o seu lugar natural como realizadores da Palavra – *verbum visibile* e continuadores da missão de Cristo.

A comunidade evangelizadora se organiza e planeja o processo da iniciação por idades ou dos adultos em seus tempos e etapas buscando alcançar a sua finalidade: o amadurecimento da fé ou a formação da personalidade cristã do discípulo. Busca-se a completude do processo, com itinerários de educação da fé que nos leve a pensar o cristão plenamente identificado com a sua fé. Alguém maduro que descobriu a pérola preciosa do Reino.

*Batismo*, conforme Rm 6,5, possibilita nossa primeira participação na Páscoa e produz a inserção da pessoa no Corpo de Cristo, constituindo-a membro da Igreja. Faz-nos participantes da tríplice missão de Cristo: sacerdote, profeta e rei. É a porta de acesso que nos confere o Espírito, tornando-nos templos do Senhor. Concede-nos todos os dons que precisamos para vivermos a fé, a esperança e a caridade.

O Batismo perdoa nossos pecados mas, não nos tira a liberdade, portanto, permanece nosso arbítrio para aceitar ou não o projeto de Deus ou ainda, o seguimento do Evangelho. Uma vez configurados em Cristo, teremos toda a vida para responder existencialmente com as boas obras à graça da filiação divina.

A *confirmação*, como aperfeiçoamento do batismo, nos possibilita participar da dimensão pentecostal da Páscoa do Senhor, nos confere o Espírito e nos capacita com seus dons para a missão. Assim, nos prepara para viver plenamente em razão do Reino e nos introduz à participação plena na eucaristia.

É próprio partir da *Eucaristia* para colher a lógica entre os outros dois primeiros sacramentos. O Espírito recebido na Crisma nos capacita para entregarmos, com valentia, nossa vida como serviço de amor. Em cada Eucaristia, fazemos memória do sacrifício de Cristo e queremos que a nossa doação e entrega no espírito das bem-aventuranças sejam sempre mais intensas. Assim, nossa vida se torna um sacrifício de louvor. Por isso, Cristo nos associa à sua oferenda ao Pai, o que nos possibilita aclamar: “Fazei de nós uma oferenda perfeita” (Oração Eucarística III).

“Graças à eucaristia, os fiéis participam do corpo sacramental do Senhor, se tornam o seu corpo eclesial. É com a eucaristia, portanto, que se dá a plena incorporação à Igreja, cuja incorporação batismal está estruturalmente orientada. Do ponto de vista sacramental, a finalidade da iniciação cristã, isto é a plena e definitiva inserção na Igreja – pode dizer-se chega ao seu ápice quando o fiel é introduzido à mesa eucarística, sacramento que edifica a Igreja em sua fase histórica e terrena. Nesta perspectiva, batismo e confirmação são compreendidos como gestos de iniciação-introdução do crente à eucaristia”.<sup>5</sup>

Desde o dia do batismo em que fomos submergidos em Cristo até à hora da morte, a última Páscoa do cristão, todo o caminho da vida cristã é uma vivência progressiva da Páscoa de Cristo comunicada a cada um de nós.

Compreender a *mútua relação* pascal e unidade de sentido dos três sacramentos num processo adequado de maturação da fé nos devolve a consciência da unidade que há entre catequese, batismo de crianças, confirmação, eucaristia e vivência da fé. Afinal, a vida do cristão é una no seguimento e configuração em Cristo. Todas essas etapas conjuntamente,

5 Caspani, Pierpaolo. *Rinascere dall'acqua e dallo Spirito*, p. 203.



e não cada uma isoladamente, que produzem a identidade do cristão, como ser incorporado em Cristo e participante de sua missão no mundo.

Por isso, não se deve fragmentar o batismo, confirmação e eucaristia como se fossem coisas separadas. Este quadro unitário da iniciação compreende que:

- as atividades dos processos catequéticos da catequese por idades e do catecumenato de adultos devem ser planejadas em conjunto;
- a capacitação dos agentes deve ser integrada mesmo que cada idade compreenda uma metodologia específica.

## Adultos

É frequente encontrarmos adultos com fé muito difusa e com o sentido do sagrado a flor da pele, mas pouco evangelizados e menos ainda atraídos pela Igreja por conta das atuais questões em debate: papel da mulher na Igreja, uso de contraceptivos, segunda união, uniões homossexuais... Constatamos um amplo leque de escolhas religiosas, motivadas pela teologia da prosperidade ou por outras expressões de fé. Também, em muitos casos predomina a indiferença religiosa, a fé continua sendo importante, mas fica adiada para um outro tempo. Passamos de um batismo de tradição para um batismo de opção de fé.

O protagonismo dos adultos na iniciação acontece em decorrência do sacramento do matrimônio e de terem solicitado o batismo de seus filhos e também porque muitos adultos precisam completar a própria iniciação se não receberam os sacramentos da confirmação e/ou eucaristia.

Ao recorrerem à ajuda da comunidade eclesial para ajudá-los nesta missão, evidentemente não se eximem da mesma, pois para a Igreja a família exerce um papel essencial na evangelização, na catequese, no compromisso com a comunidade e com a transformação do mundo.

Quando tratamos da iniciação cristã, temos uma visão sacramental muito diferenciada entre os mesmos agentes de pastorais e presbíteros. Utilizamos as mesmas palavras, com significados diferentes e por isso, temos práticas diversas. Ainda é corrente, batizar adulto juntamente com os bebês, outros consideram suficiente uma catequese de um ou dois meses para um catecúmeno ser batizado antes do casamento.

Ao lado do batismo de crianças, a Igreja também contempla a iniciação de adultos com uma metodologia, própria dos primeiros séculos do cristianismo. Esta foi restaurada pelo *Ritual de iniciação cristã de adultos* (RICA), em 1972 que recupera o catecumenato. O *Diretório nacional de catequese*, nn. 45-50 fala que se deve aplicar esse estilo catecumenal em toda forma de catequese, *especialmente na iniciação cristã de adultos ou na catequese da infância e juventude*.<sup>6</sup>

Seguem os motivos principais para esta exemplaridade: resposta de fé dada pelo adulto após um tempo de amadurecimento e conversão; celebração unitária dos três sacramentos; envolvimento da comunidade; maior integração entre a celebração, anúncio e vivência da fé; progressividade, centralidade pascal, envolvimento da comunidade...

## A família acompanha

O acompanhamento e a participação das famílias na educação cristã dos filhos continuam fundamentais. Cabe criar na família um ambiente animado pelo amor e pela piedade em direção a Deus e aos seres humanos que favoreça a educação integral, pessoal e social dos filhos.

6 CNBB. *Diretório nacional de catequese*. São Paulo, Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, n. 84).

Qualquer tipo de união não isenta os responsáveis de assumir e educar as crianças numa formação cristã e religiosa autênticas, que os ajude rumo à transcendência, abrindo-lhes o caminho em direção à autêntica felicidade e vivência contínua do Reino de Deus revelado por Cristo. “Sem se esquecer que os pilares da vida e espiritualidade familiar são o diálogo, o afeto, o perdão e a oração, que são expressões do amor conjugal e familiar.”<sup>7</sup>

A Igreja sempre associou a família cristã ao itinerário de iniciação: “Pelo sacramento do Matrimônio os pais recebem a graça e a responsabilidade de serem os primeiros catequistas de seus filhos. Espera-se que seja no cotidiano do lar, na harmonia e aconchego, mas também nos limites e fracassos, que os filhos experimentem a alegria da proximidade de Deus através dos pais. A experiência cristã positiva, vivida no ambiente familiar, é uma marca decisiva para a vida do cristão”.<sup>8</sup>

Ao se tornarem pais, os esposos recebem de Deus o dom de uma nova responsabilidade. Seu amor paterno está chamado a ser para os filhos o sinal visível do mesmo amor de Deus, “do que provém toda paternidade no céu e na terra”, a ser modelo de família, vivência do amor trinitário, unidos pelo amor.

Os pais, antes de serem educadores do sentido simbólico de seus filhos, são símbolos revelador de Deus, de sua presença amorosa, ternura e paternidade. *Mais do que os pais ensinarem a catequese a seus filhos, antes, eles que precisam passar por uma experiência de fé, isto é, devem alcançar o próprio amadurecimento na fé.*<sup>9</sup> Eis uma linha de renovação da iniciação cristã: investir e integrar a catequese familiar na catequese nas diversas idades. Assim, decididamente confirma o documento preparatório da CNBB: *Iniciação à vida cristã*,<sup>10</sup> sobre a atuação essencial dos pais e familiares, não apenas como coadjuvantes na catequese, bem como da necessidade da comunidade paroquial se organizar em torno desta prioridade:

Os pais, agora, passam a integrar o processo de catequese com adultos, que existe não apenas em função dos filhos, mas da complementação da Iniciação que não foi completada ou de aprofundamento e de compromissos mais abrangentes e eficazes (n. 141).

Os responsáveis diretos pela Iniciação Cristã zelem também pelo acompanhamento das famílias mediante iniciativas diversas, entre as quais a visita domiciliar. Para esta tarefa recorram à ajuda da Pastoral da Visitação e da Pastoral Familiar. É preciso ir ao encontro das pessoas, ao seu ambiente habitual e não apenas esperar que elas venham aos recintos tradicionalmente tidos como locais da Igreja (n. 146).

### **Catecumenato pós-batismal**<sup>11</sup>

Muitas famílias, chamadas a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã, estão despreparadas, ocorre que muitos batizados já adultos não foram evangelizados, deixaram de lado a vida de fé e ainda não receberam os sacramentos da Confirmação ou da Eucaristia. São profissionais capacitados, adquiriram maturidade nas relações afetivas e pessoais, porém a consciência de fé cristã ainda permanece na infantilidade, sem alcançar o Deus libertador anunciado por Jesus Cristo.

“A paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã, e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar

7 CNBB. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 2008-2010. São Paulo, Paulinas, 2008. n. 130. (Documentos da CNBB, n. 87).

8 CNBB. Diretório nacional de catequese. n. 238.

9 Cf. Haenraets, Paulo. Iniciação na fé e catequese familiar. In: Revista de Catequese, n. 123, julho/set/2008, p. 44.

10 Estudo preparatório apresentado na 47ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil em Itaiçuba SP, 22/04 a 01/05/2009.

11 Sobre este tema consultar: Lelo, Antonio Francisco. Catequese de inspiração catecumenal com adultos. In: Revista de Catequese, n. 123, julho/set/2008, pp. 34-43.

sua iniciação cristã; iniciar os não-batizados que, havendo escutado o querigma, querem abraçar a fé.”<sup>12</sup>

Lembremo-nos que a iniciação cristã acontece quando a pessoa recebe os três sacramentos: batismo, confirmação e eucaristia e também passa por um processo adequado de fé. Faltando um desses elementos é necessário completar. As recomendações do capítulo IVº do RICA direcionadas para o catecumenato pós-batismal requerem itinerários de fé criativos e inculturados que somente poderão surgir naquelas comunidades que se incomodarem pelos batizados ausentes e capacitarem seus leigos para o diálogo fé e cultura com os adultos.

É fundamental que se acolha esses cristãos, apresentando-lhes a Igreja encarnada na prática da vida comunitária da paróquia e oferecendo-lhes o catecumenato pós-batismal<sup>13</sup> para completarem a iniciação cristã com uma adequada experiência de fé, proporcionada pela catequese, Confirmação e Eucaristia.<sup>14</sup>

## Estilo catecumenal

Analisar a iniciação cristã a partir do *Ritual de iniciação cristã de adultos* significa que as características do batismo de adultos constituirão o modo de propor mudanças e inspiração para a catequese de iniciação por idades.<sup>15</sup> “O modelo de toda catequese é o catecumenato batismal (...) Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese, nos seus objetivos e no seu dinamismo”.<sup>16</sup>

O catecumenato nos primeiros séculos imprimia grande consciência de ser cristão numa sociedade adversa, em sua grande maioria pagã. Por isso, o RICA aposta no *amadurecimento progressivo da fé*, que requer continuidade no caminho de uma etapa preparatória para outra seguinte; ou de um sacramento para o outro, que resulte na crescente conversão de vida. Como se afirma na tradição da Igreja: o cristão não nasce, mas se torna cristão.

Está em jogo, não apenas uma simples preparação sacramental, mas o cumprimento da finalidade do processo: “o crescimento harmônico da personalidade cristã do catecúmeno, em sua inteligência, sua consciência, suas virtudes e seu testemunho nas diferentes áreas da vida”.<sup>17</sup>

Interessa-nos destacar alguns aspectos da estrutura dos tempos e etapas do capítulo 1º do RICA.

## Querigma<sup>18</sup>

O primeiro tempo assinalado pelo RICA, chamado pré-catecumenato, trata da acolhida do candidato que se aproxima da comunidade e precisa assimilar o impacto da experiência transformante que se dá com a descoberta da fé. Este tempo é realmente inovador. O anúncio urgente da centralidade e da experiência da *fé em Jesus Cristo*, o chamado *que-*

12 Documento de Aparecida, n. 293.

13 Catecismo da Igreja Católica, n. 1231.

14 Para essa finalidade, recomendamos: Brustolin, L. A.; Lelo, A. F. Caminho de fé; itinerário de preparação para o Batismo de adultos e para a Confirmação e Eucaristia de adultos batizados. São Paulo, Paulinas, 2006; Blankendaal, A. F. Seguir o Mestre; Batismo e/ou Confirmação e Eucaristia de adultos. São Paulo, Paulinas, 2007 (2 volumes).

15 Lelo, Antonio Francisco. O estilo catecumenal na catequese por etapas. In: Revista de Catequese, n. 116, out/dez/2006, pp. 33-43.

16 Congregação para o Clero. Diretório Geral para a Catequese. São Paulo, Paulinas-Loyola 1999, n. 59.

17 León Ojeda, Felipe de Jesús. La iniciación cristiana, p. 55.

18 Consultar com proveito: Gevaert, Joseph. O primeiro anúncio. São Paulo, Paulinas, 2009. (Introdução de Antonio Francisco Lelo).

*rigma*, deverá percorrer ao longo de toda a catequese de forma convicta e testemunhal.

O *Diretório nacional de catequese* estimula muito a proclamação do querigma como o anúncio central da fé em Cristo, do Reino que começa com a sua chegada, da salvação que oferece a todo aquele que crê, do destino de vida eterna e da vivência da fé como irmãos na Igreja, antecipação e realização do Reino já neste mundo.<sup>19</sup>

O *Documento de Aparecida* aponta o querigma não somente como o tempo de uma fase, mas como o fio condutor de um processo e só a partir dele acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira (cf. n. 278a). O catecumenato com adultos e crismal poderão ter esta fase prévia de encontro pessoal com Cristo contando com o ministério do “introdutor. Neste tempo, introdutor e catequizando refletem uma sequência de assuntos sobre a vida de fé, a imagem de Deus, as formas de oração, as motivações de fé para empreender a catequese...”<sup>20</sup>

Em geral, as comunidades cristãs desconhecem esta função, este ministério de Introdutor/a. Trata-se, porém, de uma pessoa quem tem uma tarefa específica no início do processo de Iniciação à Vida Cristã, isto é, a de acompanhar, durante o tempo do Pré-catecumenato, os interessados em percorrer o caminho da Iniciação. É esta pessoa que prepara o candidato para acolher na liberdade o dom da fé, o anúncio da Boa Nova e assumir o encontro pessoal com o Senhor e as condições para a conversão e a fidelidade. Sem um Introdutor, dedicado e competente, não é possível começar o processo de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal. É o Introdutor quem coloca as bases para o segundo tempo, o Catecumenato propriamente dito, no qual atuam os catequistas.<sup>21</sup>

A prática do querigma inaugura uma vertente de renovação da iniciação. Implica uma postura missionária da comunidade em suas diversas instâncias e ministérios; impulsiona sua capacidade de anúncio missionário da fé, de acolhida das pessoas afastadas; do testemunho atraente e compreensivo e acessível da Igreja diante dos questionamentos da sociedade. A Igreja é convidada a responder não somente com doutrina, mas sim, com uma prática mais evangélica e encarnada nos vários desafios enfrentados por aquele que quer ser cristão hoje.

### **Catecumenato**

Durante esse tempo, a iniciativa humana será transformada pela graça de Deus e, pouco a pouco, o candidato é introduzido na Igreja, corpo de Cristo. Segue a direção do menor compromisso ao maior empenho, da escuta da Palavra e da mudança de costumes e prática de boas obras.

Muitos itinerários refletem, neste tempo, a história da salvação, os artigos do *Creio*, as *bem-aventuranças* e a oração do *Pai-nosso*. Aquilo que se medita na Palavra ou compreende como verdade não é diferente dos gestos e símbolos celebrados na liturgia.<sup>22</sup>

“A catequese precisa assumir as angústias e esperanças das pessoas, para oferecer-lhes as possibilidades da libertação plena trazida por Jesus Cristo. Nessa perspectiva, as situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese. Elas devem ser interpretadas seriamente, dentro de seu contexto, a partir das experiências vivenciais do povo de Israel, à luz de Cristo e na comunidade eclesial”<sup>23</sup>.

19 CNBB, nn. 30-33.

20 Consultar com proveito: CNBB. Iniciação à vida cristã. 47ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil em Itaiaci SP, 22/04 a 01/05/2009, nn.134-137 (Documento preparatório); Arquidiocese do Rio de Janeiro. Diretório Arquidiocesano da Iniciação Cristã. Rio de Janeiro: Nossa Senhora da Paz, 2008, nn. 10, 22, 116, 119-120, 124-125.

21 CNBB. Iniciação à vida cristã, n.134.

22 Cf. CNBB, Diretório nacional de catequese, n. 47.

23 Id., *ibid.*, n. 42.

A catequese catecumenal é uma volta às fontes da catequese da Igreja, num tempo em que a vida cristã era vivida de maneira unificada. Ao fazer interagir a catequese com as celebrações da Palavra, as bênçãos, exorcismos e oração litúrgica, a pedagogia catecumenal deverá dar a todo este tempo um rosto mais centrado no mistério da fé, com expressões litúrgicas mais coerentes com o anúncio e a vivência da fé. Esta metodologia constitui um desafio para se estabelecer itinerários ou processos de fé que conduzam a um discípulo conseqüente com a vida cristã.

Há necessidade de estabelecer um verdadeiro itinerário litúrgico no caminho catecumenal, conforme o *Diretório nacional de catequese*, n. 122. Neste ponto, sentimos uma lacuna bastante grande nos roteiros catequéticos. Alguns deles ignoram quase completamente a liturgia e querem ter o caráter de iniciação cristã. Também, constatamos a carência de uma formação litúrgica mais apurada dos catequistas, menos preocupados com o sentido da liturgia, “o que celebrar” e mais voltados em “como celebrar”, para a forma da celebração.

Ergue-se uma dificuldade bastante concreta para a catequese com estilo catecumenal. A atual teologia da prosperidade influencia grande parte da população, e por meio da vertente pentecostal católica implementada pelos meios de comunicação, se faz presente na busca religiosa de muitas pessoas. Há cristãos mais voltados para curas, milagres, afastamento do mal e se guiam por uma espécie de devocionismo litúrgico que ressalta os efeitos secundários dos sacramentos, maximamente da eucaristia.

Nesta caso, a compreensão da pedagogia catecumenal: fé anunciada, celebrada e vivida passa a ser compreendida muito mais numa linha devocional que mistagógica. O próprio seguimento de Cristo fica preso às necessidades mais imediatas do indivíduo, que centra a experiência de fé na busca contínua de graças, curas e libertação.

Consideramos que o tempo do catecumenato colabora para uma experiência de uma fé com outro perfil, visto que tem diante dos olhos o mistério da Cruz do Senhor, da sua profecia diante do mundo, conforme as bem-aventuranças. A mistagogia litúrgica ressalta, por sua vez, a configuração do catequizando em Cristo em seu mistério central: paixão, morte e ressurreição. Os mesmos exorcismos têm um caráter de decidida caminhada ao encontro em Cristo, e de abandono dos apegos à superficialidade das relações e valores exaltados hoje em dia.

No tempo do catecumenato, cada pessoa é chamada a repetir aquela experiência pessoal de encontro com Jesus, por caminhos de liberdade que levam ao amadurecimento e à construção de uma nova vida. “A pessoa divina de Jesus investe e envolve de tal modo o chamado, que lhe muda o projeto de vida, o modo de viver, de pensar e de agir. Lentamente, o discípulo se encontra com um novo estilo de vida, um novo modo de escolher e de avaliar as coisas, as pessoas e os acontecimentos. O Mestre Jesus exerce sobre o discípulo tal poder de atração, que se torna irresistível! O apóstolo Paulo dirá que foi ‘agarrado’ por Jesus Cristo (cf. Fl 3,12).”<sup>24</sup>

## **A comunidade**

A iniciação cristã diz respeito a toda comunidade. Fica patente a missão dos adultos — pais, padrinhos, introdutores, catequistas, pároco e comunidade cristã — como sujeitos ativos no Batismo e na educação da fé. A iniciação cristã na tradição da Igreja é tarefa de toda a comunidade: é o seio da Igreja que gera a fé;

A comunidade introduz *gradualmente* o catecúmeno *nas celebrações, símbolos, gestos e tempos da atividade litúrgica*. Igualmente vai suscitando sua atividade evangelizadora,

24 Terrinoni, Ubaldo. Projeto de pedagogia evangélica. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 47.

que consiste em anunciar aquilo que se crê e que se vive (cf. At 4,31). Compromete-se a dar-lhe apoio em sua vida de fé, a iluminá-lo em seu itinerário espiritual com a *catequese*, a inseri-lo no seio de uma assembléia viva por meio da *liturgia* e a estimulá-lo ao *compromisso* em seu próprio ambiente. Esses serviços constituem a base do ministério catecumenal.

A estrutura da iniciação cristã, longe de ser um peso, *valoriza tremendamente a vida comunitária paroquial*. A iniciação é da Igreja para formar a Igreja. Há que graduar os diversos itinerários catequéticos com celebrações que marcam a passagem de um tempo a outro, valer-se das celebrações de entrega do “creio” e do “Pai-nosso”. Estas são fáceis de preparar conforme o as orientações do RICA, podem ser adaptadas, interagem plenamente com o tempo litúrgico e com as celebrações eucarísticas dominicais, para as quais são convocados pais, padrinhos, introdutores, catequizandos, catequistas sob a animação do pároco. Revelam o protagonismo da comunidade e o autêntico rosto da Igreja mãe, missionária, corpo e esposa de Cristo.

“A iniciação é um encontro da Igreja com o iniciado e deste com a Igreja. A comunidade de fé há de ser sempre a origem, o lugar e a meta da iniciação cristã. O que significa que a comunidade é a forma essencial de ser cristão. A pessoa pertence a Cristo pertencendo à Igreja e se pertence à Igreja de Cristo pertencendo a uma comunidade eclesial cristã. Por isso a melhor prova de ser cristão é a pertença efetiva e afetiva à comunidade cristã.”<sup>25</sup>

A comunidade é chamada a *renovar a graça batismal*, como também cuida em primeiro lugar de preparar o catequista e de tornar disponíveis os meios necessários para a catequese.

## Conclusão

O *Documento de Aparecida* fala de um novo modelo pastoral que surge do modelo catecumenal trazendo conseqüências para toda a catequese. Não se trata de reinventar a catequese, mas, sim, de encará-la com nova mentalidade, nova metodologia. “Assumir essa iniciação cristã exige [mais do que] uma renovação de modalidade catequética da paróquia” (DAp 294), pois essa pedagogia da fé acentua alguns elementos que poderão dar novo impulso à pastoral desses sacramentos,

O pároco e a coordenação da catequese terão um papel preponderante na organização e animação das catequese das várias idades, pois a catequese deixa de ser coisa unicamente de criança e envolve as famílias, as atividades da Paróquia e os catequizandos de todas as idades.

É uma direção empenhativa, para a qual podemos insuflar as velas e remar para conquistar novas relações e novos frutos, como: maior identidade cristã, uma fé menos devocional e mais celebrativa e misteriosa centrada na Páscoa de Cristo, uma pastoral de iniciação mais orgânica e coesa que contemple os adultos como principais destinatários e o empenho de toda a comunidade de participar da iniciação.

Temos um grande projeto pela frente para ir nos adequando pouco a pouco.

25 León Ojeda, Felipe de Jesús. La iniciación cristiana, p. 33.

## O imaginário simbólico e a construção da transcendência

O aspecto simbólico atravessa todo o processo de construção e reconfiguração de nosso imaginário sobre a transcendência. Nós pensamos, experienciamos e imaginamos o que seja o Mistério do divino. Sempre recorremos a uma série de representações ou imagens do divino frequentemente marcadas pela força dos símbolos e arquétipos forjados e vividos nos tempos de nossa infância e que nunca passaram completamente pela reflexão. Imagens que ajudam e estorvam. Imagens necessárias, mas frequentemente perturbadoras para a vida espiritual de muitas pessoas.

Abordamos um tema difícil e complexo, mas que a pastoral e a vida espiritual não podem deixar de lado. Num momento em que, depois do Concílio Vaticano II, vivemos suficientes vicissitudes e tentativas de mudança do imaginário religioso e, concretamente, dos símbolos referentes ao Mistério de Deus, é hora de refletir sobre o que seja uma experiência generalizada e com grandes repercussões na catequese, na pastoral e na espiritualidade. Desta maneira, chegaremos a ver que a questão do símbolo afeta profundamente a vida religiosa pessoal e pastoral.

### Uma experiência pastoral

Há uma experiência bastante repetida em grupos de catequese de adultos, de Bíblia etc.: neles sempre há algumas pessoas cuja imagem de Deus lhes causa problemas [1]. E quando tentamos explicar-lhes, referindo-nos ao Evangelho, que o Deus de Jesus Cristo é diferente, amoroso, sempre acolhedor, percebemos o alívio ou a libertação momentâneas, mas também a persistência das “velhas imagens” perturbadoras. O imaginário dessas pessoas resiste à mudança. E não é suficiente a explicação nem a mudança mental. Embora esta seja importantíssima e necessária, é preciso algo mais: percebermos que tem que se refazer não apenas a cabeça, mas também o coração, a experiência e a relação com Deus. E, mais ainda, no fundo, no inconsciente, permanecem relações e “imagens primordiais” que exigem a passagem de um “arquétipo” para outro, na marcha da evolução da consciência humana para o si mesmo [2]. A reconfiguração simbólica – descobrimos isso na prática – é um processo que afeta as estruturas psico-espirituais mais profundas. Aqui se enraíza a verdade de toda a literatura psico-espiritual que, inspirada em Jung e outros, prolifera hoje em dia abrigada por uma certa psicologização da espiritualidade [3].

A verdade da dimensão implicativa do símbolo é questão de experiência. Se prestarmos um pouco de atenção, veremos que a vida religiosa das pessoas manifesta isso. As imagens de nossas vivências religiosas estão tão enraizadas no fundo de nós mesmos que se faz necessário um verdadeiro processo mental e afetivo, imaginativo e de reestruturação do imaginário para conseguirmos uma mudança. Muitas vezes temos um conhecimento intuitivo, mas pouco refletido, sobre esses processos “religiosos”. E acontece frequentemente que nem nós sabemos como proceder, nem o “paciente” tem a suficiente paciência (nem nós) para submeter-se à “cura” que, na maioria das vezes, é mais ideológica do que afetivo-experiencial, e que permitiria superar suas perturbações e “sombras”.

Até a própria experiência nos diz que há tarefas de re-simbolização que talvez, como diria Kant, a brevidade da vida não nos dá o tempo suficiente para abordá-las. Ficarão pendentes ou morreremos sem tê-las solucionado.

Contudo, além desses casos mais notórios, temos que levar em conta que estamos mexendo num problema que afeta a todos os que crêem. Todos nós somos chamados a manter uma distância negativa ou crítica em relação às nossas imagens de Deus que nos convertem em permanentes iconoclastas ou críticos de nossos próprios ídolos. Sempre temos como tarefa espiritual “matar nossos próprios deuses” como maneira de aceder ao Deus verdadeiro, do qual, por outro lado, precisamos sempre fazer uma imagem que necessita de purificação. E assim num processo interminável. Desse modo, a questão do imaginário simbólico em relação a Deus deveria ser um ponto de atenção de nossa relação com Deus.

[1] Sirva de exemplo recente reunião com mulheres maduras, com grande espírito de busca e preocupação religiosa: todas elas manifestavam ter tido sérios problemas com a imagem de Deus recebida. Somente depois de muito tempo – constatavam elas – estavam recusando com certa tranqüilidade uma “imagem opressora de Deus”.

[2] Cf. NEUMANN, E. *Origins and History of Consciousness*. Princenton, NJ, Princenton University Press, Bolinger Series, 1973, 3ª ed.. E. Neumann é o discípulo de Jung que melhor estudou os “estágios arquetípicos do desenvolvimento da consciência”: XV.

[3] Cf. AU, W. Y.-CANNON, N. *Anhelos del corazón*. Bilbao, Desclée, 1999. Muitos livros da coleção Serendipity dessa editora têm essa orientação de ajuda psico-espiritual.

## **Sobre o autor**

*José Maria Mardones*



## Da utopia à topia: dialogar para “fazer” chão neste mundo!

Diálogos noturnos em Jerusalém, entrevista do Cardeal Carlo Maria Martini ao Padre Georg Sporschill, [1] mostra como o exercício do sacerdócio, do episcopado, do ensino e a pesquisa da Sagrada Escritura não lhe tiraram a capacidade de dialogar. Disposto a ouvir perguntas e dar respostas, este jesuíta se mostra um homem sereno, um pastor responsável e um teólogo honesto, virtudes que desenvolveu no exercício do poder teológico-pastoral e conseguiu manter após a aposentadoria.

O andamento da entrevista é pedagógico. O religioso de muitas funções, grande diocese e expressiva influência sobre seus pares cede lugar ao ser humano que se defronta com diversos temas, pensa com clareza e responde sem tergiversar, mesmo sob o efeito de doença. A diferença básica é que a teologia não é presumida, não exige a repetição até se tornar verdade nem é jogada no vazio. Não esqueceu a Bíblia e os catecismos nem as orientações, mas a tudo tem como base do seu discurso.

Se a teologia que não responde às indagações, desrespeita os leigos e dispensa a participação das mulheres não é feita a partir da troca de olhares com outros saberes e julga que o público não percebe isso, segue perdendo-o. Em proporções que passam de aritméticas a geométricas. Por tais razões o discurso de Martini é pontifício (construtor de pontes). Ele demonstra que é possível assumir os avanços da Modernidade, admitindo que seu projeto não está concluído, mas tem futuro, e dispendo-se a ouvir as perguntas da Pós-Modernidade, sem jogar fora os aprendizados da Idade Média – dispensada a ilusão de a ela poder retornar – por inexequível.

Sabe que a fé é um risco, subtítulo que explica a atitude nicodêmica de escolher a noite para diálogos profundos, especialmente se o saber teológico se nutriu de certezas cartesianas e estabeleceu trocas com limitações estruturais, deficiências institucionais e incapacidades pastorais. Por vezes a escuridão se impõe à ordem social, jurídica, cultural e econômica, ensinou Martin Luther King Jr. no conhecido sermão *É meia-noite*. As afirmações de Martini têm sentido e densidade porque foram peneiradas em caminhada longa, de experiências diversificadas, nutridas do contato com guerrilheiros, jovens, cristãos tradicionais, intelectuais, políticos e religiosos.

O núcleo comum parece ser o diálogo e a frequência de contatos que relata mostra ser ele mais da praça que de palácios pontifícios, que não dispensa a rua no caminho da casa à sacristia e nem se furta ao contato, às audiências, às entrevistas, às visitas e aos debates. Discípulo de João XXIII, sua atuação – culta, interativa, dialogal e destemida – talvez seja das que melhor espelham o espírito do Concílio Vaticano II, catapultado ao centro dos debates sobre humanidades, como Agostinho nos séculos IV e V.

Sua fala é rica, esperançosa, aberta e generosa. Sabe-se caminhante que em muitos momentos é carregado pelos contemporâneos, pelas situações a que não podia faltar e pelas exigências a que não podia se omitir. Não usa palavras para aprisionar a realidade nem conceitos herméticos,

mas fala em possibilidades, abertura e perguntas, em vez de momentos de impasse e inviabilidade, a que chama inferno (p. 26). A ternariedade do altar (celebrações), da sacristia (comunhão e preparação) e do contato com a gente (monocardia do sentire cum) permite esconjurar a tentação da absolutização. Por isso o humano que salta dessas páginas garante o diálogo com a atualidade.

Como a comunidade joanina, aprendeu a enfrentar o conflito com amor e a serenidade de quem descobriu o mistério em vaso de barro, transformando-o em estratégia pastoral de aproximação, contato e troca. Isso lhe deu força para denunciar o etnocentrismo europeu, chamar à superação do medo que gera agressões ao estrangeiro, injustiça contra os pobres e descaso com jovens e idosos. Lembrou as brigas de Jesus com os fariseus, insistindo que hoje “ele lutaria com todos os responsáveis na Igreja e lhes recordaria que sua tarefa é o mundo todo. Que não fiquem olhando para o próprio umbigo, mas olhem para além dos limites da própria instituição” (p. 36).

Ensinou que a oração é a forma de se aproximar das pessoas de outras religiões, ocasião em que, além das dificuldades, percebe soluções e volta a ter esperança. Crente na palavra de Jesus: “o Espírito sopra onde quer”, decidiu deixar que Deus o surpreendesse. Quando descobre os objetivos de Deus e como pode colaborar, sente-se capaz de sacrifícios e recebe coragem para viver. Comunidades de fé servem para edificar, fortalecer e animar as pessoas a caminhar para Deus, por isso é possível alegrar-se porque o outro é evangélico, muçulmano ou católico.

Discorre sobre a palavra magis para descrever o dinamismo experimentado quando se doa a vida a outros, gesto que não mortifica, mas torna a vida mais rica, excitante e missionária. Discutiu com os cardeais, na eleição do último papa, questões que pedem respostas novas, como a sexualidade e a comunhão para divorciados e recasados. Essas questões exigem decisões e talvez expliquem a ausência dos jovens, em busca de tesouros fundamentais em outros lugares. Eles ajudam a perceber quando se propaga um sentimento de saturação na sociedade, que pede fogo de entusiasmo. Eles têm algo a nos ensinar porque são a Igreja, concordando ou não com nosso modo de pensar. Seu papel é profético.

Confessa os sonhos e as ilusões perdidas em relação à Igreja: que caminhasse na pobreza e na humildade, que não dependesse dos poderes mundanos, que criasse ambiente de confiança, que pensasse em relação ao futuro, que encorajasse os solitários e que se tornasse jovem também. Mas já não tem esses sonhos. Hoje faz perguntas em relação ao futuro e espera encontrar-se com Cristo. Por causa da utopia de Teilhard de Chardin, de o mundo caminhar para Cristo, onde Deus será tudo em todos, pensa na unidade na qual é resguardado o próprio de cada um. “Só quando você tem uma visão é que o espírito o eleva acima de querelas mesquinhas” (p. 82).

Essa coragem lhe vem da disposição de enfrentar o risco, como quando visitou terroristas das Brigadas Vermelhas, conquistou-lhes a confiança, batizou-lhes os filhos e fez com que os que estavam livres entregassem caixas com armas. Do relacionamento ficaram amizades. Daí surgiu a convicção de que é preferível a decisão equivocada a não tomar nenhuma. Não se preocupa com os que saem, mas com os que não pensam e se deixam levar. Quem reflete vê as questões e segue em frente. Quem não se decide perde sua vida, lembrou Frei Betto em Batismo de sangue. “Quem tem coragem comete erros. Mais importante é lembrar que só os corajosos mudam o mundo para melhor. Os corajosos ganham amigos autênticos. Eles experimentam que o poder vem das mãos de Deus” (p. 87).

Sua leitura do Evangelho de João tratou da amizade com Jesus como algo capaz de mudar a vida, mais forte que o dever, a insistência ou a necessidade. Essa perspectiva teológica parece ter induzido João Paulo II a nomeá-lo arcebispo de Milão. Outro evangelista tocante é Lucas, cuja

personalidade é inquieta: de esquerda, provocante, simpático com os oprimidos e comprometido com os enfermos. Sua consciência e confiança crescem em meio aos conflitos. Ele insere a dimensão social na Igreja já em seu surgimento e por isso caminha com os doentes, os não crentes, os que falharam e foram julgados sem misericórdia. Em Lucas Deus derruba os poderosos dos tronos, exalta os pequenos, alimenta os famintos, despede os ricos sem nada e se aproxima dos samaritanos. E é o único a falar dos jovens no caminho de Emaús, que caminharam toda a tarde mas só o reconheceram no partir do pão. Não surpreende que os evangelistas João e Lucas, anunciados por Martini, encantem os jovens!

Trata da noção de corporeidade e sexualidade decorrentes da encíclica *Humanae Vitae*, de Paulo VI, que ainda obstaculiza conquistas do Concílio Vaticano II. Espera que o Magistério apresente um caminho melhor, dê passos e ajude a retomar o diálogo com a ciência. Sem ressentimento. Vê o mundo como mais sincero e mais aberto, sem a sexualidade confinada ao confessionário ou sob o domínio da culpa. Não se confronta com a libido da juventude, a homossexualidade e o divórcio, mas mostra como a postura rígida abandona gerações à solidão. Identifica pedofilia com doença e chama o crime contra crianças de terrível. Propõe uma Igreja aberta na teologia, dialogal na prática pastoral e com espaço para as mulheres. “Não precisamos ficar infelizes pelo fato de as Igrejas evangélicas e anglicanas ordenarem mulheres, introduzindo com isso algo essencial no contexto do grande ecumenismo” (p. 137).

Admite que a Igreja precisa de reformas e que a força para isso deve vir de dentro, desde as comunidades locais. “No Concílio Vaticano II, a Igreja Católica deixou-se inspirar também pelas reformas de Lutero e pôs em marcha um processo de renovação a partir de dentro” (p. 139). E termina propondo diferentes tarefas para a Igreja diante de dilemas do mundo atual. No capítulo final fala da luta em favor dos desprotegidos, para salvar vidas e contra a injustiça.

Quem se põe do lado das pessoas sem pastor, quem as reúne e as conscientiza, se torna perigoso para os detentores do poder [...] os teólogos da libertação da América Latina e até os que trabalham na área social em países ricos topam necessariamente com resistências, pois vivem da convicção que o encontro com os pobres e a luta contra a pobreza constituem lugar privilegiado do encontro com Deus em nosso mundo (p. 150).

Como João, pode dizer “eu sou a voz de quem clama no deserto”. Voz utópica, que afirma a um só tempo: ainda não há chão (topos), mas é preciso criar chão para a Palavra em nosso mundo.

[1] MARTINI, C. M.; SPORSCHILL, G. *Diálogos noturnos em Jerusalém*; sobre o risco da fé. São Paulo: Paulus/PUC-Rio, 2008. 160p.

## Sobre o autor

*Antonio Carlos Ribeiro*

Antonio Carlos Ribeiro é teólogo, jornalista e professor universitário no Rio de Janeiro.

## Cristianismo e direito

Cristianismo e direito situam-se em dois níveis diferentes. Não têm o mesmo objeto. O Cristianismo é um messianismo: é um projeto que é, ao mesmo tempo, uma promessa, o anúncio do Reino de Deus. O Reino de Deus é um mundo transformado, porque este mundo não é de Deus: não é o mundo que Deus tinha criado. O messianismo é o anúncio de uma humanidade renovada, em que reine a justiça e a paz, em que todos se tratem como irmãos. Para muitos é uma ilusão, um sonho, uma coisa irrealizável nesta terra dada a humanidade que existe e que nunca se prestará a isso. Jesus anunciou esse Reino, mas não definiu datas, não definiu as etapas, não definiu a estratégia. No entanto, desde há dois mil anos milhões de discípulos acreditaram e viveram para que esse anúncio se tornasse realidade. Não completaram a sua tarefa, mas não viveram em vão, porque houve algumas transformações, alguns setores da humanidade melhoraram e se aproximaram mais das promessas feitas a Abraão. Jesus não prometeu que esse Reino de Deus chegaria à sua plenitude nesta terra, mas quis que os seus discípulos trabalhassem nesse sentido.

O direito trata da humanidade tal como é agora. Procura organizar a vida social da melhor maneira possível, procurando salvar a vida das pessoas e da sociedade na medida do possível. Organiza a vida de indivíduos dotados de virtudes, mas também afetados por muitos vícios. O seu problema é: como organizar a paz num mundo de pecadores? O direito varia de uma civilização para outra, varia com as épocas históricas, com as relações de força dentro da humanidade. Os impérios sempre tiveram o sonho de impor o mesmo direito a todos os seus povos. O império ocidental que começa no século XVI teve esse sonho. Identificou os seus códigos com a verdade universal. Mas os impérios não são eternos. Os nossos descendentes poderão ver o direito imperial chinês substituir no Brasil o direito imperial ocidental. Por enquanto vamos examinar as relações entre o Cristianismo e o direito ocidental contemporâneo.

## O Cristianismo em face do direito

1. O Cristianismo inicia um novo modo de viver como ser humano. Doravante ser humano é viver como Jesus, imitar Jesus, seguir o caminho de Jesus. É o que se chama de revelação. Jesus não veio fundar uma nova religião nem um novo culto, uma nova moral, uma nova instituição religiosa. Isso fizeram os seus discípulos no decorrer da história, com mais ou menos fidelidade ao caminho de Jesus.

Jesus declara obsoletas todas as leis do seu povo e do império. Os seus discípulos não se interessam pelas leis, são livres de todas as leis porque a lei foi substituída pelo amor. Jesus nunca obedece a uma lei porque sempre age por amor. Assim teriam de ser os discípulos.

Paulo explicita essa radical transformação operada por Jesus: para os cristãos não existe lei, e os gálatas foram severamente repreendidos porque ainda se submetiam a leis e regras religiosas. Porém Paulo reconhece que a lei foi boa como pedagogia, como preparação das pessoas que ainda não conheciam o caminho de Jesus (Gl 3,1-29)

Aqui os juristas modernos vão se sentir aliviados: estão pensando que o tempo da pedagogia ainda não passou e que os povos no meio dos quais trabalham ainda estão na fase da pedagogia. Em parte eles têm razão. Mas não podem considerar essa concessão como uma dispensa da revelação de Jesus. Ainda que os povos estejam na fase da pedagogia, devemos nos esforçar para que tenham acesso ao conhecimento do caminho de Jesus.

## **Sobre o autor**

*José Comblin*

É doutor em Teologia. Natural de Bruxelas, Bélgica, está no Brasil desde 1958. Depois de passar por vários institutos de Teologia, dedica-se à formação de missionários leigos populares no Nordeste desde 1980.

## Movimentos religiosos e ideológicos: alienação e consciência humana

### Introdução

A questão da religião no presente trabalho científico se põe no terreno da sociedade e da cultura. Não se trata, aqui, de indagar sobre a existência ou não de Deus e sua relação com a religião. Esse, a meu ver, é um problema para os teólogos e não para cientistas das religiões. O que me interessa é tentar compreender melhor a maneira de os seres humanos organizarem sua experiência religiosa a partir do momento em que acreditam na existência da divindade, ou seja, a partir de suas crenças, e qual a consequência disso para suas vidas. Ao que parece, neste início do século XXI as pessoas podem optar pela religião ou crença de sua preferência, para muitos o motivo é o fato de vivermos em uma sociedade onde várias alternativas se apresentam no campo da fé. As crenças, bem como as religiões, somente podem existir através de indivíduos que as incorporem, mas é importante destacar que elas somente fazem sentido quando organizadas em sistemas que caracterizam a forma de vida dos povos. Em sociedades pequenas, como as tribais, esses sistemas são compartilhados, podemos em certo sentido designá-los sistemas solidários de vida e religião. Em sociedades mais complexas, como a neoliberal, que o mundo vivência, tende a ocorrer uma diferenciação de classes, de tal sorte que grupos dominantes controlam o acesso às formas mais elaboradas do conhecimento organizando formas de vida para os dominados vivenciarem, o que em termos conceituais podemos denominar vida alienada ou oprimida.

Isso não significa, contudo, que os indivíduos dominados pela alienação não construam seus próprios sistemas religiosos de contestação ao paradigma oficial. Como exemplo, especialmente na América Latina, tivemos, nas décadas de 1960-1990, a Teologia da Libertação, que se caracterizava pela valorização da ação do divino na história, como fonte de libertação social, e pela valorização da práxis social libertadora, como expressão de fé em um deus libertador. A Teologia da Libertação está inserida nesta última fase do pensamento ocidental: a fase da valorização da história, da cultura e da diversidade de formas de manifestação do encontro do ser humano com o transcendente. É uma teologia propriamente cristã; por isso utiliza os livros sagrados contextualizados com estudos exegéticos e regras da hermenêutica, o que é necessário nos seus discursos. A expressão “teologia da libertação” já mostra o sentido norteador deste *logos* teológico. Mostra-nos que a libertação é o horizonte regulador do discurso acerca do transcendente e, ao mesmo tempo, que o deus do discurso é fonte de libertação. Manifesta-se concretamente nos diversos momentos do processo histórico cultural de um povo. Consequentemente, ela, se torna força geradora de ações que viabilizam uma práxis libertadora, segundo as necessidades advindas das diversas circunstâncias sob as quais um povo está submetido. “A teologia da libertação é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis

libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora” (Mondin, 1980, p. 25). Neste sentido, o cristão é impelido a viver a práxis libertadora nas diversas épocas da história. Teologia que incorporei em minha prática de militante das CEBs, pastoraes e movimentos eclesiais católicos progressistas.

Na minha docência em sala com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas disciplinas que leciono. Nas palestras e seminários que eu coordenei, na minha atuação comunitária em Associações de Moradores e na minha militância política em sindicatos. Essa leitura do mundo religioso que se foi construindo em meu ser, tendo como base um olhar mais preferencial pela Teologia da Libertação, possibilitou meu entendimento de que, ao colocar o problema das religiões em termos de crença e alienação no terreno cultural, isso implica recolhê-lo como um processo social de construção de fé motivado pela ação de grupos dominantes e de interesses financeiros. Neste sentido, o interesse pela presente pesquisa partiu do objetivo principal, descrever como se apresenta o movimento alienador de consciência coletiva intitulado “Pentecostal” neste início do século XXI e qual seu alcance geográfico nos municípios de Blumenau e Pomerode, no Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina.

## **Sobre o autor**

*Luiz João Firmo*

Aluno da especialização em Ciências da Religião da Universidade Regional de Blumenau.

**Recensão de TEPEDINO, Ana Maria; ROCHA, Alessandro (org.) *A teia do conhecimento. Fé, ciência e transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulinas, 2009.**

O I Simpósio Internacional de Teologia, realizado na PUC-Rio em 2008, marcou época. Por ser o primeiro, suscitando motivações, senso de oportunidade e de criação de oportunidades. Por ampliar o contato do Departamento de Teologia com o conjunto da Universidade; por conquistar apoios administrativos, pedagógicos, econômicos e diversos serviços; por atrair a participação de teólogos(as), cientistas da religião e estudantes, católicos e protestantes, de cursos de universidades públicas, privadas e confessionais de diversas regiões do país; e por ter sido divulgado na grande mídia, na mídia religiosa e na acadêmica. Faltaram apenas as quatro conferências e as treze participações nas mesas de debate, publicadas este ano.

As conferências foram ministradas por uma teóloga e quatro teólogos: Elisabeth Schusler Fiorenza, da Universidade de Harvard, EUA; Andrés Torres Queiruga, da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha; e os brasileiros Manfredo Araújo de Oliveira, da Universidade Federal do Ceará, e Luiz Carlos Susin, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As mesas de debate tiveram a participação de Eva A. R. de Moraes (PUC-Rio), Gilbraz Aragão (Unicap), Flávio Senra (PUCMinas), André Botelho (Bennett), Afonso Maria Ligório Soares (PUC-SP), Ronaldo Cavalcante (Mackenzie), Sinivaldo Tavares (ITF), Eliane Yunes (PUC-Rio), Edson Fernando de Almeida (STBSB), Elaine G. Neuenfeldt (EST), Maria Inês de C. Millen (Itasa), Haroldo Reimer (UCG) e Francisco Orofino (Ifiteps).

Fiorenza apresentou uma síntese do livro *O poder da palavra. A Escritura e a retórica do Império*, criticando a interpretação da Escritura feita pela retórica do Império, a partir da ótica feminista e mostrando como a linguagem serve à expansão colonialista e à discriminação heterossexista – oriundas do Império Romano – levando as pessoas à interiorização da ética que exige exclusão violenta, submissão a Deus soberano e todo-poderoso. Hoje é preciso denunciar o poder imperial e as instituições, realçar os diferentes matizes de significado e as linguagens que ajudam a libertar e articular visões igualitárias de democracia radical, também presentes. Os limites das linguagens são os mesmos das instituições religiosas, ainda *kyriárquicos* e sustentáculos de critérios como sexo, raça, classe e nação, tidos como inatos e originados em Deus, não apenas simples construção social. A Bíblia reinscreve a ética do Império ao falar de subordinação, obediência de escravo, senhor e *pater familias*, por isso pode libertar e ajudar a ler os sinais dos tempos. Esse é o contexto teológico global a ser enfrentado, no centro ou na periferia, para distinguir o poder da Escritura (libertação, justiça, amor) do poder do Império (dominação, conquista, submissão).

<sup>1</sup> Teólogo e jornalista, doutorando em Teologia na PUC-Rio (<<http://lattes.cnpq.br/5999603915184645>>).



Queiruga faz distinções conceituais para reelaborar a relação religião e ciência, presa a esquemas que fundamentam o milagre no princípio da indeterminação, sem se dar conta da mudança dos paradigmas que abalaram a cultura. Para a religião, os astros eram constituídos de matéria perfeita e incorruptível, sendo movidos por anjos, e o mundo era o espaço em que interferiam forças extramundanas, circunstância diante da qual a Teologia, com sua força institucional, se sentia com poder para determinar o movimento dos astros ou o processo da evolução. Galileu citou a intuição do Cardeal de Baronio: a Bíblia *não diz como vai o céu, senão como se vai para o céu*, lembrando que ela não fala de ciência, mas de religião. Isso obriga a remodelação do mundo em que o sobrenatural sempre interferia até que os novos saberes revelassem que as pestes e as secas não são castigos divinos nem influências demoníacas e que as chuvas ou terremotos obedecem a regimes isobáricos e movimentos tectônicos. Isso obrigou o surgimento do deísmo e o extremismo abstrato, tornando necessário compreender um Deus que não precisa entrar em nosso mundo, porque já o está dinamizando e sustentando, nunca comprometido com o mal e a dor.

Oliveira identifica a necessidade de explicitação do horizonte como um elemento determinante deste modelo de civilização em que a realidade depende da ciência para sua autocompreensão. As Ciências e as Teologias demandam a existência da esfera conceitual para se relacionar com o real, insistindo que não há outra fronteira além desta, e isto não nos impede de falar de uma realidade independente. Só temos o mundo na linguagem e ele só é para nós à medida que nos vem na fala. Até a tentativa de se desvincular da palavra é linguisticamente mediada, por isso ela é absoluta. A Filosofia busca a apreensão conceitual da totalidade do ser a partir da linguagem. A Ciência busca compreender os entes através do particular, razão pela qual sua consideração adequada do real exige duas perspectivas teóricas complementares. O surgimento do Absoluto na Filosofia propicia a passagem para a Teologia, tendo como horizonte suas ações livres na história, sua autocomunicação à humanidade como evento salvador e como realidade que determina as demais, que sem ela permanecem ininteligíveis. O Reino de Deus é o dinamismo de libertação que fermenta a história e a Teologia é o momento consciente e reflexo da sua práxis que explica o sentido da totalidade do real.

Susin afirma que a interlocução das sociedades pluralistas em espaços públicos e com responsabilidade social dá condições à Teologia de ser razão da fé e fé da razão, ciência da fé e não somente da religião, e no âmbito da cultura e no espaço público. Teologia é uma aventura da fé na relação com a razão e com a ciência e suas razões. Deus não se dá como objeto da fé, mas como sujeito, por isso que se sofre a fé, mais que se age, assim como o amor que não pode ser captado e cujo sujeito originante é o amado. A interlocução tem mais a ver com posse do que com posses. O teólogo tem algo do intelectual orgânico, de Gramsci. Teologia é mistagogia para adoração do mistério e revelação na linguagem humana. Ciências da Religião dá elementos para a Teologia situar-se no contexto pós-metafísico da contemporaneidade.

As considerações de Eva Moraes, trazidas na mesa *Teologia e Física*, versaram sobre a urgência e a possibilidade do diálogo interdisciplinar, a proposição de elementos para uma epistemologia ponte entre Física moderna e Teologia, a partir dos novos paradigmas, e ensaios de aproximação de descobertas da Física e conteúdos teológicos. Já Gilbraz Aragão refletiu sobre o modelo binário baseado na ciência aristotélica e na Teologia tomista, decidindo-se pela prudência. Observou que a síntese escolástica levou séculos para se consolidar, mas deixou o ensino de que fé e ciência são domínios separados, que devem se levar em conta. E o meio é a reflexão sobre a mãe Terra, cuja ética predileta se chama *Cuidado*.

A mesa *Teologia e Ciências Humanas* traz as considerações de Flávio Senra e André Botelho. O primeiro olha a Ciência em horizonte perspectivista, a partir da qual indaga

sobre a noção de Verdade na Filosofia e na Teologia. Lembra que busca pede vida contemplativa, leitura dos pensadores e confronto com os riscos do niilismo. O segundo investiga os fundamentos da Teologia em chave transdisciplinar, vendo-a como serve da fé, num mundo em acelerado processo de mudança e que tem renunciado à matriz cristã de sentido. Sem a manutenção do *logos* original no discurso sobre Deus, a Teologia deve aprender com o novo paradigma e buscar novas formas do anúncio de sua Verdade.

Aportes distintos e com traços específicos da Igreja Católica Romana e das Igrejas evangélicas marcam as dissertações de Afonso Maria L. Soares e Ronaldo Cavalcante. O diálogo da *Teologia e da Ciência da Religião* é visto como possível por Soares, que descreve a Teologia, associada à confessionalidade, num diálogo de *modus operandi* com a Ciência da Religião, a partir de sua matriz de pensamento, seus objetivos imediatos e seu papel na academia moderna, com conflitos e delimitadores aceitos por teólogos contemporâneos. Cavalcante denuncia o estatuto que a Teologia assumiu nas Igrejas tradicionais, apostando na necessidade de relativização, para deixar a sacralidade ontológica e lidar com a confessionalidade, superando a dependência institucional para tornar-se Pública e melhor responder à Pós-Modernidade.

As dificuldades do diálogo incipiente e a ousadia da visão teológica em ambiente literário formam o objeto de debate da mesa *Teologia e Cultura*, esboçado nos textos do Frade franciscano Sinivaldo Tavares e da literata Eliana Yunes. O discípulo do profeta de Assis reluta em abrir mão de conquistas como princípios teológicos, definição epistemológica e arcabouço semântico, mesmo aberto ao paradigma da complexidade e à busca do novo lugar teológico. Ao mesmo tempo, a amante da literatura de Guimarães Rosa mergulha no universo de Augusto Matraga, personagem intrincado e intrigante, de história embebida em conflitos e personalidade complexa, que escapa aos cânones da narrativa linear e às “verdades” escolasticamente definidas. Como todo diálogo, não é só racional.

A mesa *Resiliência e Pastoral*, a única com três participantes, tem na reflexão de Edson Fernando de Almeida, a primeira, um passeio pelas tristezas humanas, a partir da poesia e da música brasileira, em prosa e verso. A segunda, de Elaine Neuenfeldt, atém-se à leitura bíblica em chave feminista e liberacionista, repassando a sabedoria cotidiana da insistência na luta e da resiliência na sobrevivência à fome, na luta pela terra, contra as intempéries e defendendo-se da Polícia. E com horizonte político-escatológico. E a leitura médico-teológica de Maria Inês Millen, falando da energia armazenada no corpo deformado, da capacidade de resistência ao trauma, da sabedoria que possibilita crescimento em meio à dor. De tanto lidar com feridas e cicatrizes, físicas e emocionais, ensina-nos a reconstruir, apesar da violência, das memórias e das invalidações de uma vida severina que, na força do Paráclito, não desiste de lutar pela vida e tornar a morte realidade penúltima.

Por último, a mesa *Bíblia e Ecologia*, com a fala de Haroldo Reimer, um teólogo luterano atuante em universidade católica, e Francisco Orofino, um teólogo leigo professor de seminário diocesano. Reimer se atém à noção de sustentabilidade a partir do estímulo de textos bíblicos, partindo da casa (*oikós*) para estudar (*logia*) o espaço de vida comum, Ecologia. Começa na criação, estende-se pelas tradições sabáticas e experimenta a marginalidade de Jó, para adquirir consciência ecológica. Já Orofino também a busca, mas a partir do colapso presente na narrativa do povo da Bíblia que está no Livro das Origens, na atuação profética junto aos peregrinos, na superação do cativo e na literatura sapiencial.

O conjunto das contribuições que compõem a obra tem excelente qualidade teológico-pastoral. A marca da diversidade confessional, de linhas e visões teológicas distintas mas coincidentes, e de distâncias geográficas e culturais que produzem grandes ganhos na reflexão teológica, realmente é percebida não apenas na leitura mas também na lembrança

da intervenção do público durante o Simpósio.

De diversos pontos altos nos diferentes textos destaco a leitura teológica feminista de Schussler Fiorenza. O texto reflete significativa incidência da reflexão na sociedade, em vez de apenas fazer pontuações militantes. Ao não poupar a lógica imperial de Madeleine Albright, secretária de Estado no governo Clinton (p. 27), fez avanço crítico real, sem relevar figuras públicas, homens e mulheres, em nome de fidelidade ingênua ou baseada apenas na identidade sexual. Da mesma forma, a crítica severa que Susin faz a Hans Urs von Balthasar, mencionando a grande erudição e a falta de experiência acadêmica e pastoral, e referindo-se ao cimento hegeliano que permitiu ver na experiência dos pobres e nos sinais de esperança – centrais na pregação de Jesus – apenas um *resto negligenciável*, restante de uma Teologia da beleza sem luta pastoral por justiça (p. 85), hoje impregnada na Teologia católica europeia, mostra que o debate teológico alcançou o patamar esperado pelos organizadores.

Por essas e muitas outras razões, recomendo a leitura.